

BRAZ DE AGUIAR, O BANDEIRANTE DAS FRONTEIRAS REMOTAS

"Braz de Aguiar não é daqueles cujo nome se afoga no tûmulo, com os despojos mortais."
(Jaime Cortesão, historiador)

ROBERTO GAMA E SILVA
Contra-Almirante (Ref^o)

"Nume tutelar da integridade nacional" foi o título escolhido por Rui Barbosa para qualificar o Barão do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos Júnior, ministro das Relações Exteriores entre 1902 e 1912, quando veio a falecer.

Tinha toda a razão Rui Barbosa, pois o decênio de Rio Branco foi o mais profícuo da diplomacia brasileira, por terem sido nele solucionadas todas as questões de limites do Brasil com os seus vizinhos, por via pacífica.

A base jurídica para o traçado das linhas divisórias entre as terras que seriam nossas, dos brasileiros, e as que seriam deles, os nossos vizinhos, estava devidamente lançada.

Para completar o trabalho diplomático, faltava apenas aparecer o "Bandeirante" habilitado para plantar, bem visí-

veis, no terreno, os marcos da nossa soberania. Isso porque, se em muitos casos a linha fronteiriça achava-se perfeitamente definida por acidentes naturais bem conspícuos, em outros casos surgia a necessidade de se estabelecer pontos, perfeitamente definidos, onde deveriam se assentar marcos que identificassem paralelos, meridianos ou, simplesmente, linhas geodésicas definidoras dos limites pactuados.

No momento preciso, surgiu esse "Bandeirante das Fronteiras Remotas", na figura de Braz Dias de Aguiar, oficial de escola da nossa Marinha de Guerra, todavia pouco lembrado neste país de curta memória.

O Almirante Braz de Aguiar nasceu em 3 de fevereiro de 1881, no Rio de Janeiro, e ingressou na Escola Naval, como aspirante a oficial, em 7 de abril de 1889.

Como guarda-marinha, participou da viagem de instrução a bordo do Navio-Escola *Benjamin Constant*, que teve início em 17 de agosto de 1903.

Terminada a viagem, embarcou num navio do Lloyd Brasileiro, a serviço da Marinha, para fazer duas viagens ao Amazonas, que serviram como uma apresentação à região que absorveria toda a sua vida de dedicação à Pátria.

Entre 1904 e 1906, permaneceu embarcado em navios da Esquadra, dentre eles os Encouraçados *Deodoro* e *Floriano*, até que, em 1907, foi designado para servir no *Comandante Freitas*, subordinado à Repartição da Carta Marítima, onde ganhou destaque pelos serviços de levantamento hidrográfico que executou.

Ainda como reforço à sua futura vocação amazônica, os últimos trabalhos de Braz de Aguiar como oficial do *Comandante Freitas* foram executados na Amazônia brasileira. Além dos levantamentos executados na calha do Amazonas, até a altura de Manaus, o nosso herói foi destacado para selecionar os sítios, definidos por coordenadas precisas, para instalação dos faróis projetados para o Cabo Orange, ponto mais setentrional do litoral brasileiro, e para o Cabo Norte, também no litoral do Amapá.

Ainda nessa mesma comissão, embarcado no Aviso *Jutai*, em lanchas ou canoas, instalou estações termopluiométricas em diversos pontos, depois de determina-

das as respectivas coordenadas geográficas, todos eles localizados no interior da região, tais como: Manaus, Boa Vista, São Gabriel da Cachoeira, Benjamin Constant, Fonte Boa, Coari, Canutama, Manicoré e Parintins.

Regressando ao Rio, embarcou no Cruzador *Tiradentes* em 29 de junho de 1909, quando integrou a comissão que empreenderia campanha hidrográfica no litoral sul, desde Iguape até o Chuí, incluindo as Lagoas Mirim e dos Patos. Na oportunidade, coube-lhe, outra vez, a tarefa de so-

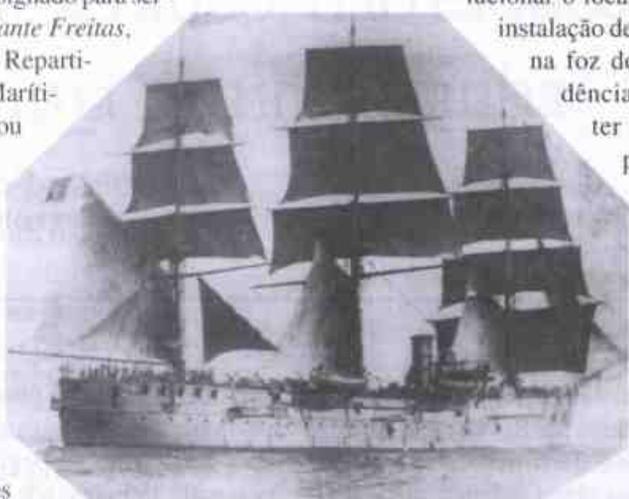
lucionar o local adequado para instalação de um farol, agora na foz do Chuí. Coincidência marcante, por ter sido ele o responsável pela escolha do local para a mesma finalidade no outro extremo do litoral brasileiro.

Em 1910, já primeiro-tenente antigo, foi chamado

pelo Almirante José Cândido

Guillobel, chefe da Comissão Brasileira de Limites com a Bolívia, para integrar a sua equipe de trabalho, inicialmente como comissário-demarecedor, mais tarde como subchefe, situações nas quais participou diretamente das operações de demarcação dos nossos limites em Rondônia e no Acre.

A entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial interrompeu, por uns anos, as atividades de Braz de Aguiar nas nossas fronteiras mais longínquas, eis que o capitão-tenente de então solicitou dispensa da função que ocupava, para cumprir o dever cívico-militar de defender a Pátria, embarca-



O Navio-Escola *Benjamin Constant* (Foto: SDM)

do nos navios da Esquadra. Permaneceu na Esquadra até o final do conflito, sendo sua última comissão no período a de comandante da Torpedeira *Goiás*.

Em março de 1920, foi novamente convocado para trabalhar nas fronteiras setentrionais, desta vez pelo Almirante Antônio Alves Ferreira da Silva, chefe da Comissão Demarcadora de Limites com o Peru. Daí por diante, nunca mais se afastou das fronteiras amazônicas, senão pouco antes de falecer.

Manteve-se na Comissão Brasil-Peru, determinando coordenadas astronômicas e plantando marcos de fronteira até o dia 6 de agosto de 1929, quando, por decreto presidencial, foi nomeado chefe da Comissão de Limites do Setor Norte, com a incumbência de executar os serviços de fronteiras com a Venezuela e as três Guianas.

Em 1928, ao completar 30 anos de serviços na Marinha, sem contar o "tempo de campanha", foi transferido para a reserva, a pedido, por considerar que não lhe "ficava bem continuar a usufruir as vantagens de oficial da ativa, sem prestar serviços à Marinha". Que exemplo edificante para um país em que altas autoridades, ainda hoje, acumulam proventos de duas ou mais origens, usufruindo, também, todo o conforto que o mundo moderno oferece!

Passou para a reserva no posto de capitão-de-mar-e-guerra graduado, mas continuou à frente da Comissão de Limites do

Setor Norte, até que, por outro decreto presidencial, agora com as assinaturas do presidente Getúlio Vargas e do chanceler Osvaldo Aranha, teve a sua nomeação retificada para chefe da Comissão Demarcadora de Limites – Primeira Divisão, com os mesmos encargos anteriores.



O Almirante Braz Dias de Aguiar (Foto: SDM)

Não cabem num resumo todos os feitos de Braz de Aguiar no decorrer da sua prolongada atuação nas fronteiras mais remotas do território nacional.

Há que se lembrar, todavia, principalmente para os brasileiros mais jovens, das enormes dificuldades para se chegar a tais lugares naquela época.

Natural de Manaus, posso atestar, por experiência própria, quão demorados eram os deslocamentos entre o Rio de Janeiro e a minha cidade de origem, antes da Segunda Guerra Mundial, e mesmo depois dela. Em 1939, por exemplo, só se atingia Manaus, a partir do Rio de Janeiro, a bordo dos navios do Lloyd Brasileiro (a antiga Costeira só chegava até Belém), consumindo-se perto de 20 dias de viagem, pois havia escalas no caminho. A partir de 1942, surgiram as primeiras linhas comerciais de aviação para a região, que abreviaram para três dias a duração do percurso Rio-Manaus, com a perna final, entre Belém e Manaus, sendo feita em hidroaviões, os famosos *Baby-Clippers* da Pan-American.

De Manaus para as regiões fronteiriças, completamente desguarnecidas à época, só mesmo embarcando nos gaiolas da Amazon River Steamship Company, que consumiam uma eternidade para chegar aos pontos extremos da navegação fluvial permanente e, daí por diante, "motores de linha" (lanchas que faziam viagens regulares) ou canoas.

Comunicações telegráficas, à época, só nas duas capitais principais, Belém e Manaus, pois o serviço era executado por uma empresa estrangeira, a Western Telegraph and Telephone Company.

Moços, eu vi!

Pois bem, mesmo diante dessas dificuldades, Braz de Aguiar empenhou-se, entre 1930 e 1934, nos trabalhos de demarcação da fronteira com a Venezuela, iniciando na

região de Cucuí, prosseguindo até o Canal de Maturacá e Serra da Neblina e, em seguida, pulando para a Serra de Pacaraíma, do Monte Roraima para o sul. Os trabalhos foram suspensos em 1934, a pedido do governo venezuelano, para serem recomeçados apenas em 1938, ainda sob o comando de Braz de Aguiar, do lado brasileiro.

Ainda em 1930, foi iniciada a demarcação dos limites com a Guiana Inglesa, hoje República da Guiana, trabalho que se prolongou até 1938, com a definição completa de 1.605,8 quilômetros de limites.

Em 1935, chegou a vez de demarcar a fronteira com a Guiana Holandesa, hoje Suriname, cuja extensão, 593,04 quilômetros, foi totalmente concluída no instante da fixação do marco da Trijunção, localizado entre as nascentes dos

Rios Jari e Mapoani. A partir daí, procedeu Braz de Aguiar à definição da fronteira com a Guiana Francesa, cuja extensão total, de 655 quilômetros, foi devidamente demarcada.

Além desses serviços de pura delimitação de fronteiras, sua tarefa básica, o espírito pioneiro e a competência profissional, que integravam o hidrógrafo, o astrônomo, o geógrafo, o topógrafo e, até, o naturalista, ainda impeliram-no a colaborar, de forma decisiva, para o conhecimento da geografia regional, numa época em que os próprios brasileiros só pensavam na Amazônia como uma "imensa planície recoberta por uma floresta infinita"!

Deixou, nesse sentido amplo, diversos trabalhos publicados, que muito contribuí-



Encouraçado *Floriano*, em 1910 (Foto: SDM)

ram para desvendar os segredos da Amazônia, dentre os quais devem ser destacados:

– o levantamento completo da bacia do Rio Branco, compreendendo todos os principais afluentes, como o Uraricoera, o Tacutu e o Mucajá, bem como vários tributários secundários, como os Rios Surumu e Mau, e mais o Amajari, afluente do Uraricoera;

– o levantamento completo da bacia do Rio Trombetas, incluindo os perfis dos seus dois afluentes mais importantes, o Mapuera e o Erepecuru, este último também conhecido, até hoje, como Cuminá ou Paru do Oeste;

– o levantamento completo da bacia do Rio Jari, compreendendo os afluentes Ipitinga, Mapari, Culari, Curapi e Cuc;

– o mapeamento de diversos rios da bacia do Rio Negro, com nascentes localizadas nas Serras da Neblina, do Imeri, Taperecô, Gurupira e Urucuzeiro, serviço executado no afã de identificar, com precisão, os divisores de águas que delimitariam as fronteiras entre o Brasil e a Venezuela.

No decorrer desses trabalhos geográficos, de suma importância, Braz de Aguiar acabou por localizar as nascentes do Rio Orinoco, do outro lado da fronteira, e determinar o ponto extremo do setentrião brasileiro, que se julgava posicionado no Monte Roraima, mas que ficou provado situar-se nas nascentes do Rio Uailan, Serra do Caburá, “que fica 32’ mais a leste e 4’ mais ao norte” da posição anteriormente considerada, na latitude de 05° 16’ 20” N e longitude 060° 12’ 43” W, numa elevação situada a 1.456 metros acima do nível do mar.

A seriedade e a serenidade, além da competência, é claro, de Braz de Aguiar tornaram-no famoso nos países vizinhos, a pon-

to de ter sido ele indicado como árbitro, pelos governos do Peru e do Equador, para ‘solucionar as divergências entre os dois países, surgidas no decorrer da execução do Protocolo de Limites, assinado no Rio de Janeiro em 29 de janeiro de 1942. Entre 21 de junho de 1943 e 18 de março de 1945, ei-lo percorrendo toda a zona disputada, para fundamentar o acordo que logrou firmar, entre as duas partes, sobre a zona ocidental da fronteira, e para emitir o seu parecer final sobre o setor oriental, onde persistia a pendência.

A morte o surpreendeu, a 17 de dezembro de 1947, ainda no cargo de chefe da Comissão Demarcadora de Limites – Primeira Divisão, quando trabalhava na fixação definitiva dos limites com a Venezuela.

Foram 46 anos corridos de serviços relevantes prestados ao País, sendo que, desse total, 30 anos dedicados, de corpo e alma, à Amazônia, que ele demarcou por inteiro.

Se, nos dias atuais, o Brasil já solucionou todas as pendências que recaíam sobre os 10.948 quilômetros de faixa de fronteira terrestre que separa a nossa maior região natural, objeto constante da cobiça internacional dos países vizinhos, quase tudo se deve ao trabalho inteligente e incansável do “Bandeirante das Fronteiras Longínquas”, pois de suas observações e dos seus cálculos resultam mais de 500 pontos astronômicos que definem, juntamente com acidentes naturais, essa imensa divisória.

Braz Dias de Aguiar, promovido *post-mortem* ao posto de contra-almirante, em 23 de julho de 1951, em reconhecimento pelos serviços prestados à Pátria, bem merece, também, ser incluído entre os Gigantes da Nacionalidade.

☞ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<NOMES> / Aguiar, Braz de (Alte.)

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA



O SDM, órgão com atribuição de estudar, pesquisar e divulgar a História Marítima Brasileira e conservar o patrimônio histórico e artístico da Marinha do Brasil, foi criado em 1943 e reúne sete departamentos distribuídos em cinco prédios históricos:

- Sede Ilha das Cobras onde funcionam os Departamentos de Arquivos, de História Marítima, de Publicações e Divulgação e de Administração;
- Sede Dom Manuel (Praça XV), onde fica o Museu Naval e Oceanográfico;
- Espaço Cultural da Marinha, onde estão atracados o Navio-Museu *Bauru*, o Submarino-Museu *Riachuelo* e o Rebocador-Museu *Laurindo Pitta*;
- Sede Mayrink Veiga, onde pode ser visitada a Biblioteca da Marinha; e
- A Ilha Fiscal.